

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Artes

Departamento de Música

André Luiz Martinelli Garbini

Retrato Sonoro

Porto Alegre

2022

Retrato Sonoro

Projeto de Graduação em Música Popular apresentada ao Departamento de Música do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Música.

Orientadora: Profa. Dra. Isabel Porto Nogueira

Porto Alegre

2022

Agradecimentos

berd

manu

ives

pai e mãe

vovó ivânia

deds

ceron

clube da costura

recreio

tronco

bel

e aos/às artistas que interpretei e/ou modifiquei suas obras para esta pesquisa.

Resumo

Este trabalho relata o desenvolvimento e a criação de três EPs, ao longo do segundo semestre de 2021 e do primeiro semestre de 2022, e busca fornecer ao ouvinte um panorama geral das minhas práticas musicais através de uma pesquisa artística e da manipulação dos materiais resultantes. Cada EP conta com diferentes técnicas, procedimentos e formatos que dialogam com as temáticas e materiais presentes neles.

Palavras-Chave: Pesquisa Artística, Produção Musical

Abstract

This paper narrates the development and creation of three EPs, between 2021 and 2022, and is intended to expose the listener to a panorama of my different musical practices through the manipulation of the resulting materials of an Artistic Research. Each one of the EPs utilizes different techniques, procedures, and formats that dialogue with the themes and materials contained in them.

Keywords: Artistic Research, Music Production

Lista de Imagens

1. Capa do EP1, fotografia e edição de Manuela Falcão.
2. Captura de tela do programa REAPER com o projeto do primeiro EP.
3. Capa do EP2, fotografia de Manuela Falcão.
4. Capa do EP3, fotografia e edição de Manuela Falcão.

Sumário

Introdução.....	9
Trajectoria.....	10
Metodologia.....	13
Retrato Sonoro:	
I.....	14
II.....	17
III.....	20
Considerações finais.....	22

Introdução

Inicialmente, esse projeto seria uma pesquisa artística no campo da composição de canções. Sou intérprete de canções há alguns anos, apesar de nunca em cima do palco. Sentia necessidade de interpretar minhas próprias canções, a partir de uma vontade que foi se alimentando ao longo de anos acompanhando artistas que interpretavam suas próprias canções. O material final seria um álbum com interpretações das minhas canções, no formato de canto acompanhado de violão (em alguns casos violoncelo, ou piano). Eu nunca tive a experiência de compor uma canção do começo ao fim, e isso não mudou durante o processo de produção desse trabalho de conclusão de curso. Ao longo do primeiro semestre eu registrei um volume grande de materiais brutos, esboços e gravações de campo que ocorreram durante minha pesquisa composicional. Nenhuma canção foi concluída, porém um material diferente acabou se estruturando. Comecei a experimentar diferentes composições desse arquivo, hibridizando com diferentes materiais pré gravados salvos no meu computador, assim como realizando gravações adicionais, gerando uma série de EPs que buscam expor os diferentes caminhos tomados numa tentativa de fazer algo completamente diferente. Encontrei nesse formato a possibilidade de comunicar de forma mais diversa a minha produção em seus diferentes âmbitos. Cada EP encontra em si um diferente processo, tanto em questões técnicas quanto em decisões estéticas, como o uso de *samples*, colagens e interpretações de canções. Ao longo da produção desses EPs, a partir de uma proposição da Isabel Nogueira, orientadora desse trabalho, surgiu a ideia de falar sobre cada parte do material através de cartas direcionadas a colegas músicos e pessoas importantes na minha trajetória musical, expondo ao leitor uma visão pessoal e afetiva de cada um dos EPs. Nessas cartas explicarei as motivações por trás de algumas decisões composicionais e as diferentes técnicas utilizadas na produção desses materiais, assim como a relação entre os tipos de materiais brutos e os métodos utilizados na produção deles.

Trajetória

A música foi entrando na minha vida de formas e em momentos distintos, mas todos eles foram através de meus pais. Ambos não músicos, porém consumidores interessados, me expuseram a diversos discos e me levaram a shows de artistas nacionais e internacionais desde muito cedo. Através desses discos e shows, algumas experiências específicas foram me tocando e me transformando. Em setembro de 2001, aos meus 5 anos de idade, meus pais me levaram ao show da Cássia Eller no Auditório Araújo Viana. Lembro-me de estar muito animado pois já havia escutado muito o seu disco “Acústico MTV” e queria ver aquelas músicas sendo tocadas de perto. Poucos meses depois, em dezembro de 2001, a televisão estava ligada passando o Jornal Nacional e eu ouvi a chamada que relatava o falecimento de Cássia. Naquele momento, apesar de ter ficado triste com a morte da cantora, fiquei desesperado com a possibilidade de não poder mais ouvir a sua música. Fui consolado pelos meus pais, descobrindo que poderia continuar ouvindo através dos discos. Acredito que naquele momento eu tenha entendido a relevância de uma obra artística e como ela pode superar obstáculos como o tempo e o espaço.

Anos se passaram e, novamente, por esforço dos meus pais, comecei a fazer aulas de violão em grupo, que se transformaram em aulas de guitarra particulares, que se transformaram em aulas de bateria. Diferentemente dos instrumentos de corda que eu já havia estudado, a bateria me causou uma sensação de pertencimento muito maior, como se eu já soubesse fazer um pouco daquilo antes mesmo de começar, o que me motivou a mergulhar de cabeça no estudo do instrumento, abrindo portas para as minhas primeiras experiências profissionais como músico. Fiz minha primeira apresentação com um projeto de death metal chamado The Days of Decay, aos 14 anos, em um cultuado bar porto-alegrense de música *underground* chamado “Garagem Hermética”. Naquele momento eu já possuía uma boa proficiência no meu instrumento, já tomava decisões composicionais junto dos meus colegas de projeto e estava começando a ganhar experiência como baterista profissional.

Ao longo desses primeiros anos tocando na noite porto-alegrense e da região metropolitana, entrei em contato com um mundo que não conhecia até então. Apesar de ter experienciado isso quase como um observador apenas, entrei em contato com festas, drogas lícitas e ilícitas e vários outros fatores que viriam a fazer parte da minha vida adulta. Aos

dezessete anos de idade, tive meu primeiro contato com a cannabis e a música simultaneamente, o que gerou uma experiência sinestésica e um tanto transformadora. Foi sob o efeito da cannabis e escutando o álbum “Meddle”, da banda inglesa Pink Floyd, que eu sofri uma drástica mudança no meu entendimento de espacialidade em música e passei a ver a musicalidade de elementos que eu jamais havia percebido. A partir daquele dia, ouvir os sons da cidade, da natureza e dos objetos ganharam outro significado, como se tudo fosse uma potencial obra artística. Nesse momento de vida eu estava concluindo o ensino médio, e já havia decidido que prestaria o vestibular para o curso de Engenharia de Controle e Automação, o que acabou acontecendo. Porém, pouco antes disso, passei por outra experiência bastante transformadora. Eu fazia parte de um grupo musical da Escola de Música Tio Zequinha, onde tocávamos um repertório bastante diverso de música popular. Naquela época estávamos ensaiando uma canção da banda de rock inglesa Led Zeppelin, chamada “Since I’ve Been Loving You”. Essa é uma canção longa, em forma de blues, que possui grandes crescendos, assim como seções com dinâmicas bem baixas, o que era uma grande desafio para mim. Naquele momento eu não compreendia muito bem o quão altas ou baixas eram aquelas dinâmicas, considerando que não tive esse tipo de treinamento musical previamente. Sempre sentia como se faltasse algo na nossa execução da música. Até que um dia, sem avisar os meus colegas de banda, eu fui ao nosso ensaio sob efeito da cannabis. Foi a minha primeira experiência tocando em grupo naquele estado alterado de consciência. Quando começamos a música, eu toquei com uma dinâmica muito mais baixa do que eu jamais havia tocado, o que me causou um estranhamento imediato. Mas, conforme a música foi se desenvolvendo, parecia que eu estava sendo conduzido por forças externas. Parecia que a música estava respirando e que se eu quisesse saber o quão forte ou fraco eu deveria tocar, era apenas questão de escutar o que a música estava me dizendo. A partir daquele dia, a minha relação com música mudou completamente, e logo percebi que aquela experiência tão intensa pouco tinha a ver com a cannabis, mas sim com a vulnerabilidade e a abertura a novas experiências que eu possuía naquele momento. De repente, a minha busca deixava de ser puramente técnica e passava a ser uma busca expressiva, o que aumentou mais ainda o meu interesse por música e me levou a ingressar no curso de bacharelado em Música Popular da UFRGS.

Em paralelo ao meu desenvolvimento como baterista, comecei a fazer aulas de técnica vocal com o professor Ives Mizoguchi, o que novamente mudou minhas perspectivas em relação às possibilidades da música. Através do canto eu percebi o quão conectadas estavam a música e

o corpo, o bem estar e a expressividade, levando a minha atenção ao universo mais sutil do fazer musical. Junto com isso, também foi florescendo o meu interesse por canções.

Após a minha decisão de estudar música na universidade e buscar uma carreira nessa área, comecei a atuar com bastante intensidade no setor cultural de Porto Alegre, participando de bandas e atuando como músico de estúdio e produtor fonográfico em diversos projetos, entre eles Soundlights, 'De repente, vivo', Nacional Riviera, Adriana Deffenti, NOAL, João Salazar e Recreio. Também gerenciei um selo musical chamado Tronco, entre 2018 e 2020, junto de Bernard Simon, Caio Mello e Rodrigo Messias, onde lançamos diversos discos de artistas da cena porto-alegrense, entre eles Bel_Medula, Renascentes e OMSA, além de outros já citados acima.

Dentro da universidade houve novamente uma grande mudança na minha perspectiva do que é música e, acima disso, da arte como um todo. Expandi muito meus horizontes de pensamento musical, análise, percepção musical e conhecimento de história da música através de algumas disciplinas e contato com os colegas e professores, especialmente nas disciplinas de História da Música, ministrada por Celso Loureiro Chaves, Tópicos em Acústica e Psicoacústica Musical, do Luciano Zanatta, Percepção Musical com a Ana Fridman e o Dimitri Cervo e as Práticas Coletivas com diversos professores.

Metodologia

Através da manipulação de materiais desenvolvidos durante minha pesquisa inicial, no âmbito da composição de canções (esboços, gravações de campo e registros diversos), materiais pré gravados encontrados em arquivo pessoal e gravações adicionais, produzirei uma série de EPs a fim de criar um panorama das minhas práticas, produções e pluralidades dentro da música. Cada um deles terá foco em diferentes processos que compõem o meu fazer musical, entre eles a composição através de colagem, *sampling*, gravação e interpretação de canções. Todos os EPs serão mixados e masterizados por mim, utilizando do REAPER como *DAW* (*digital audio workstation*, ou estação de trabalho de áudio digital) e apenas dos seus *plug-ins* nativos para a realização da mixagem e masterização.

Além disso, cada EP será acompanhado de uma carta dirigida a colegas músicos e pessoas importantes na minha trajetória musical, relatando o processo e relacionando a momentos e práticas vivenciados com essa pessoa. Através das cartas que serão relatados os processos de concepção e produção de cada EP, contando com notas adicionais para auxiliar no entendimento do leitor.

Retrato Sonoro

Este capítulo será dedicado a expor o processo de gravação, composição e finalização de cada um dos EPs através de cartas dirigidas a colegas músicos, relacionando decisões técnicas e estéticas a memórias e processos vividos em conjunto. Busco aqui gerar uma proximidade entre o leitor deste trabalho e a obra em si através de monólogos pessoais e afetivos.

I.

O primeiro dos 3 EPs foi construído durante uma madrugada de fevereiro através de colagens a partir de materiais pré gravados, entre eles esboços de composições, gravações de campo e arquivos encontrados no meu acervo pessoal de gravações. Na carta me dirijo a André Mendonça, colega músico, formado pela UFRGS e baixista do grupo Marmota.

“dale dé!

escrevo essa carta pra te contar sobre o primeiro EP que fiz pro meu tcc. decidi escrever pra ti porque essa composição só foi possível devido às coisas que aprendemos juntos na época que tu passava pelo mesmo processo que estou passando agora, gravando o teu trabalho de conclusão de curso. sobre como as coisas se encaixam e podem funcionar juntas e sobrepostas e recortadas e coladas, desde que com a intenção certa! e que essa intenção certa, na verdade, é o sentimento que se coloca em todas as etapas do processo de gravação e pós produção. na gravação do teu trabalho fomos até a cidade da tua família, junto de amigos e pessoas importantes da tua vida. e é exatamente isso que escutei no teu trabalho, que de alguma forma capturou uma série de afetos. e o jeito que habitamos e convivemos na casa da tua família é o jeito que as gravações entraram no

computador, e as sobreposições de momentos diferentes e pessoas diferentes é o que dá sentido ao disco.

o EP que acabei elaborando baseado nessa vivência se estrutura de forma parecida, mas em um momento bem diferente: durante a pandemia, sem encontrar as pessoas.

construí ele baseado em gravações minhas de celular, que registram algumas tentativas (frustradas) de compor canções, assim como algumas gravações de campo que realizei nesse mesmo período. mas eu ainda sentia que faltava alguma camada nessa história. todos os registros eram muito solitários, e não consegui sentir a mesma coisa que sentia do teu trabalho, parecia que estava tudo sobreposto em si próprio. foi então que comecei a vasculhar alguns projetos que estavam no meu computador e encontrei registros antigos de amigos que passaram pelo meu estúdio caseiro. encontrei umas guitarras do berd que eram de uma gravação antiga da soundlights(1) tocando cover de mutantes(2) para um tributo que nunca saiu, e ao inserir esse som no projeto, me senti conectado com meus amigos, com o berd(3) e a soundlights, com o teu disco(4) e com tudo isso que eu tava falando dos afetos. ao perceber isso, decidi transformar esse EP (e talvez todos os outros) em um meio de acesso a esses afetos todos que me atravessaram ao longo da pesquisa e a alguns outros momentos da minha formação na produção musical.

acabaram entrando no ep alguns registros de esboços de canções elaboradas no violão, uma gravação de celular de uma obra que estava rolando no prédio ao lado enquanto eu escutava arthur russell(5), as gravações do berd e alguns testes de gravação e edição que fiz anos atrás. a escolha dos materiais foi meio ao acaso, baseado na minha memória e no que eu sentia que poderia compor essa colagem.”

1. Banda independente porto-alegrense da qual fiz parte. Se transformou no coletivo Recreio, que se encontra em atividade.

2. Banda de rock brasileira que surgiu na década de 60.

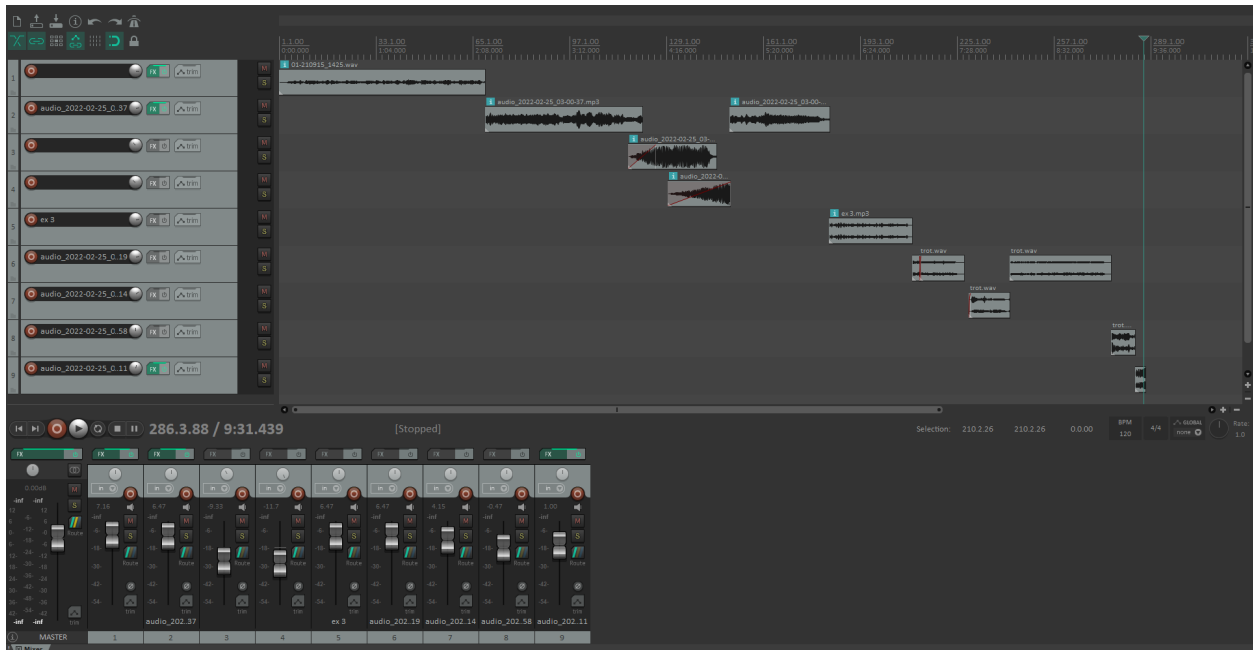
3. Bernard Simon Barbosa, colega músico e atuante no coletivo Recreio.

4. “Quanto Tempo Quiser”, EP gravado para o trabalho de conclusão de curso de André Mendonça.

5. Músico, multi-instrumentista e compositor norte-americano. Atuou entre as décadas de 70 e 90



Capa do EP1, por Manuela Falcão.



Tela do REAPER mostrando a composição das faixas do EP1.

II.

O segundo EP é composto por *beats* que surgiram através dos estudos do Clube da Costura, um encontro e grupo de estudos de produtores musicais e *beatmakers*. Cada faixa contém *samples* de um disco diferente (que variam entre álbuns como “Gaúchos em Hi-Fi”, do Conjunto Farroupilha e “Dedalus”, do grupo de jazz italiano homônimo). Na carta me dirijo a Guilherme Ceron, baixista e produtor pelotense radicado em Porto Alegre.



Capa do EP2, por Manuela Falcão.

“fala ceron!

che, um dos EPs que fiz pro meu tcc acabou sendo composto com alguns beats que produzi pro clube da costura(1). tu que me colocou nessa empreitada, então decidi escrever essa carta pra ti. foi o único dos EPs que gravei no período em que me mantive mais isolado durante a pandemia (2020/21), e que acabamos convivendo bastante pelas redes virtuais. não lembro bem o que aconteceu antes, se foram os nossas sessões de ouvir música e trocar ideia no discord(2) ou as primeiras sessões do clube em que participei, mas nesse caso a ordem dos fatores não vai alterar o produto (haha). não tenho como agradecer o suficiente a pilha que tu bota (de uma forma um pouco ríspida kk) pra participar de alguns projetos importantes que acontecem pela cidade e pelo mundo. eu nunca tinha experienciado um grupo de estudos sonoros de uma forma tão imersiva e intensa. o exercício de escuta gerado a partir da proposta do clube é inigualável. um grupo grande de pessoas escutar o mesmo disco e manipulá-lo em pouco tempo de forma individual gera um frescor muito grande dos materiais finais, e depois a escuta coletiva é fechar com chave de ouro. tu se escuta nos outros, as semelhanças e as diferenças, e os outros em ti. seria difícil eu entender a imensidão que é uma experiência dessas sem ter participado, e é incrível pensar no quanto ouvir essa massa sonora coletiva também ressignifica a minha individualidade e a de cada um que esteve presente.”

1. Encontro semanal de produtores, no qual é sorteado um disco para ser “sampleado” e, a partir disso, produzir um *beat* com essas amostras. No dia seguinte do sorteio é feito um encontro em chamada de vídeo onde todos os *beats* são escutados coletivamente.

2. Plataforma para chamadas de áudio e vídeo e conversas de texto.

III.

O terceiro EP foi gravado ao vivo, com engenharia de som por Bernard Simon, e com algumas dobras de voz gravadas posteriormente por mim, em casa. Nele, foi explorada a interpretação de canções compostas por outros artistas. Compõe o trabalho canções de Juliano Lacerda (De repente, vivo), Pedro Pastoriz, Ligia Lazevi, Poty Burch e Bruno Schiavo. Na carta, me dirijo a Ives Mizoguchi, músico e professor porto-alegrense, com quem faço preparação vocal desde 2012.

“e aí, ives! saudades de te encontrar presencialmente!

só tu sabe há quanto tempo eu tenho feito esse trabalho de preparação vocal e investigação em interpretação de canções, e é incrível que tu tenha feito parte disso desde a fagulha inicial até o dia de hoje. este EP, que escrevo para te contar sobre, é um dos diversos resultados possíveis do nosso trabalho, onde a interpretação das canções de outras pessoas é o assunto principal. algumas dessas canções tu já deve ter conhecido em aula, mas nunca haviam sido registradas de forma tão cristalina. mesmo tendo gravado com a voz cansada e com poucas horas de sono, senti que cheguei bem no lugar que propusemos com o nosso trabalho, tendo uma sobra para poder performar sempre. foi uma construção linda e que demorou anos, mas cá estamos e o resultado também. sigo neste trabalho as diretrizes com que construímos, buscando a entrega da canção com atenção à presença e aos espaços vazios e ocupados. como tu mesmo disse, a expressão é já está em como sentimos a canção, e performá-la é estar atento ao que está acontecendo e não buscar algo que não está lá.”



Capa do EP3, por Manuela Falcão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Surge, a partir deste processo, uma proposição. Compor pequenas peças musicais inspiradas pelos atravessamentos da vida não é nenhuma novidade, mas talvez expô-las dessa forma seja algo não muito explorado. Os EPs desenvolvidos neste projeto não foram inicialmente concebidos sabendo para quem eles seriam, ou com quem eu conversaria sobre eles, mas depois de concluídos, propõem um corpo de trabalho que serve como um mapa, ou um guia para conhecer uma pessoa, um lugar ou um momento.

Deixo aqui essa proposta (individual e coletiva), de uma forma possível de registrar e se comunicar com pessoas e lugares do espaço e do tempo através de álbuns de fotografias sonoras, que resgatem momentos e proponham futuros. E que essa obra ajude a compor e a compreender um pouco mais (e de forma mais subjetiva) a individualidade e coletividade de cada um e como elas podem se relacionar.